



EDIÇÃO ESPECIAL

8 DE MARÇO 2013

Folha Metalúrgica



Edição Especial - Dia Internacional da Mulher - Rua Júlio Hanser, 140. Lajeado - Sorocaba/SP - CEP: 18030-320

Mulher

Força e sensibilidade

Este informativo se propõe não apenas a homenagear as mulheres, mas também incentivar o espírito de luta que faz parte da trajetória das trabalhadoras do mundo inteiro.

Foram justamente o senso de justiça, o desejo de igualdade e a coragem para construir uma sociedade mais fraterna que deram origem ao 8 de Março, Dia Internacional da Mulher.

Nas próximas páginas, você terá notícias sobre conquistas recentes alcançadas pelas mulheres na legislação e em acordos coletivos de trabalho, mas também terá informações sobre os muitos obstáculos que ainda impedem a igualdade entre gêneros.

A proposta da direção sindical, ao publicar este informativo, é proporcionar a você algumas reportagens e opiniões que estimulem a reflexão sobre o real significado do 8 de Março. Uma data que, para trabalhadores e trabalhadoras conscientes, representa lutas, desafios e esperança.

Parabéns a todas as mulheres pela data. Parabéns também aos homens que apoiam a ampliação dos direitos femininos, pois entendem que esses avanços são fundamentais para termos uma sociedade, de fato, mais justa e igualitária.

**Feliz 8 de Março,
Dia Internacional da Mulher.**



DIREITOS

Legislação sobre direitos da mulher tem evoluído

A Lei Maria da Penha, a indicação de aumento da licença-maternidade e o projeto de tratamento multidisciplinar às vítimas de violência sexual são alguns avanços recentes na Lei.

PÁG.3

FÁBRICAS

Salário da mulher ainda é menor que do homem

Um estudo do Dieese – subseção Metalúrgicos Sorocaba comprova que, até hoje, as mulheres metalúrgicas que ocupam os cargos melhor remunerados são minoria nas fábricas.

PÁG.2

História do 8 de Março

Existem várias versões sobre o episódio que inspirou o Dia Internacional da Mulher. O mais conhecido é o incêndio em uma tecelagem nos Estados Unidos no século 19, que matou 130 trabalhadoras. Mas todas as variações da história do 8 de Março concordam que a data representa a luta feminina por respeito, justiça e igualdade.

PÁG.4



SALÁRIOS

Metalúrgicas ganham menos

Arquivo SMetal / Foguinho



Os salários das mulheres metalúrgicas da região são, em média, 36,9% menores do que o dos homens; desigualdade ocorre em todo país

Um estudo realizado este mês pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócioeconômicos (Dieese) revelou que a desigualdade entre homens e mulheres na categoria metalúrgica da região de Sorocaba, a exemplo do que ocorre em quase todo o país, ainda é grande. Os salários das mulheres metalúrgicas da região são, por exemplo, em média 36,9% menores do que os dos homens.

Dos 43 mil trabalhadores que formam a categoria metalúrgica na região, 8.321 (ou 19,35%) são mulheres. Segundo o estudo, o setor de produção no ramo metalúrgico que mais emprega mulheres é o de fabricação de equipamentos de informática e produtos eletrônicos, com 34,9% do total de trabalhadoras. Entre os que menos empregam mulheres está o setor de metalurgia básica, com 2,6% do total.

A faixa etária de mulheres predominante na categoria é de jovens de até 29 anos, que representam 45,9% do total.

Com relação aos salários, em todos os setores as mulheres ganham menos do que os homens. No setor de fa-

bricação de máquinas e materiais elétricos, por exemplo, as trabalhadoras ganham 52,74%, em média, menos do que os trabalhadores.

Na maioria dos outros setores, a diferença salarial é de 31% a 45% a menos para as mulheres. A menor diferença está na fabricação de equipamentos para informática e produtos eletrônicos, onde as trabalhadoras ganham 6,87% menos do que os homens e representam aproximadamente metade do quadro de funcionários dessas fábricas.

Motivos salariais

Para o economista Fernando Lima, coordenador do estudo, o salário mais baixo das mulheres se deve ao fato de ainda ser reduzido o número de trabalhadoras que ocupam cargos de comando ou melhor remunerados na categoria.

Na opinião da sindicalista Kátia Silva Lucas, o fato de a maior parte das mulheres metalúrgicas estar empregada em fábricas que praticam alta rotatividade (troca constante de funcionários), como algumas empresas de eletroeletrônicos,

Salário médio da produção nas fábricas metalúrgicas da região (em R\$)

Subsetor	Homem	Mulher	Diferença
Metalurgia	2.281,26	1.498,59	-34,30%
Fab. Produtos de Metal (exceto maq. e equip.)	1.890,79	1.232,35	-34,82%
Fab. Equipamentos de informática e produtos eletrônicos e ópticos	1.370,49	1.276,29	-6,87%
Fab. máquinas, aparelhos e mat. elétricos	2.304,60	1.088,73	-52,74%
Fab. máquinas e equipamentos	2.353,91	1.279,13	-45,65%
Fab. veículos automotores, reboques e carrocerias	2.626,01	1.789,19	-31,86%
Fab. outros veículos de transporte (exceto automotores)	1.451,05	1.326,23	-8,60%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	2.085,37	1.403,54	-32,69%
Média geral	2.230,93	1.407,50	-36,90%

Fonte: Subseção Dieese Metalúrgicos Sorocaba com base na RAIS de 2011

também contribui para o rebaixamento salarial.

Escolaridade e salários

A faixa de remuneração das mulheres metalúrgicas, como também em geral acontece com os homens, está diretamente relacionada com o grau de escolaridade. A remuneração média das trabalhadoras que concluíram apenas o 4º ano do ensino fundamental (e representam 0,33% do total de mulheres da categoria) é de R\$ 930,17.

Já o salário das mulheres com ensino fundamental completo (3,52% do total) é, em média, de R\$ 1.263,77. Para trabalhadoras que têm o ensino médio completo (57,43%), o salário médio sobe para R\$ 1.517,58. No caso das mulheres metalúrgicas com ensino superior completo (26,8% do total) a remuneração média salta para R\$ 3.711,27.

Conquistas sociais

“Embora tenhamos observado alguns avanços para

as trabalhadoras nos últimos anos, como o maior acesso ao ensino e uma legislação mais avançada, ainda temos muito que conquistar para falarmos em igualdade”, afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Ademilson Terto da Silva.

O estudo do Dieese – Subseção Metalúrgicos de Sorocaba teve como bases de informações os registros oficiais da RAIS de 2011 e do CAGED de 2013.

Leia mais sobre o estudo em www.smetal.org.br

Palestra vai tratar de direitos das mulheres

Uma palestra na próxima sexta-feira, dia 15 de março, às 19h30, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos em Sorocaba, vai tratar de temas importantes relacionados às mulheres, como as ações que vêm sendo realizadas contra a violência doméstica e por igualdade de direitos.

O público presente poderá fazer perguntas para as palestrantes, que serão a deputada federal Iara Bernardi (PT); a coordenadora da Casa Abrigo CIM Mulher, Cíntia de Almeida; a secretária nacional da mulher da CUT, Rosane Silva; e a advogada Érika Mendes.

Durante o evento também se-

rão debatidas conquistas recentes das mulheres, na legislação e em acordos coletivos; e os desafios para a sociedade avançar mais nessa área.

O evento está sendo organizado pela subsede regional da CUT. A entrada será gratuita e aberta ao público em geral.

Serviço

Palestra / Debate sobre direitos das mulheres
Dia 15 de março
às 19h30
Local: Sindicato dos Metalúrgicos - rua Julio Hanser, 140, Lajeado, Sorocaba

DIREITOS

Mobilização das mulheres garante ampliação de direitos

Nos últimos anos a mobilização e a luta das mulheres têm sido as principais responsáveis por importantes avanços na direção da igualdade de gêneros e na ampliação de direitos.

Uma das conquistas recentes mais emblemáticas foi a aprovação da Lei Maria da Penha, que possibilita que agressores de mulheres, no âmbito doméstico ou familiar, sejam presos em flagrante.

Ainda no aperfeiçoamento da legislação que garante direitos às mulheres vítimas de violência, a Câmara Federal aprovou na terça-feira (5), o Projeto de Lei 60/99 da deputada Iara Bernardi, que determina o atendimento imediato e multidisciplinar das vítimas de violência sexual. A proposta, que agora segue para o Senado, visa transformar em lei as diretrizes já definidas pelo Ministério da Saúde.

Já no campo do trabalho, a ampliação do período de licença-maternidade, de 120 para 180 dias, tem sido uma das principais

reivindicações do movimento sindical, inclusive metalúrgico.

No entanto, a ampliação do período para todas as trabalhadoras depende de aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 30/07 pela Câmara Federal. Antes da Constituição de 1988 o período de licença-maternidade era de 84 dias.

A ampliação do período de licença-maternidade, para 180 dias, foi uma das principais reivindicações expressadas na Marcha das Centrais Sindicais e Movimentos Sociais realizada nesta quarta, dia 6, em Brasília, que reuniu mais de 50 mil manifestantes.

No caso da categoria metalúrgica cada grupo tem uma convenção coletiva autônoma. Atualmente, na região representada pelo Sindicato dos Metalúrgicos, três grupos (veja tabela) já contam com a determinação de licença-maternidade de 180 dias para as mulheres. As convenções coletivas do G8

(que reúne os setores de trefilação, laminação entre outros) e de Estamparia “recomendam” que as empresas concedam o benefício estendido de 180 dias.

Veja os grupos cujos acordos coletivos garantem licença maternidade de 180 dias:

- Grupo 2 (máquinas e eletrônicos). A licença maior, porém, só vale para fábricas que têm mais de 100 trabalhadores.
- Grupo 3 (autopeças, forjaria e parafusos)
- Fundação



Hora de fazer valer a força das mulheres

Iara Bernardi

Só mesmo com muita união e força de vontade as mulheres poderão enfrentar os desafios de sociedades que, apesar de todos os discursos favoráveis a elas, acabam por elegê-las como alvos de preconceito, violência e discriminação.

Estas preocupações devem servir de base para as nossas reflexões neste início de mais uma programação pelo Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março. Temos a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, a presidente da Petrobrás, Maria das Graças Silva Foster. No entanto, esses casos são exceções. Para a maioria das mulheres, há um imenso caminho a percorrer na luta por direitos, participação e espaços nas sociedades contemporâneas.

Na Câmara Federal, em Brasília, a bancada feminina diminuiu sua representatividade em comparação com o número de mulheres na população. Em Sorocaba, a Câmara de vereadores, que tinha uma mulher na legislatura passada, agora não tem nenhuma. Isto explica a existência de ações destinadas ao atendimento à mulher que podem estar equivocadas e serem ineficientes.

Um exemplo disso são as atividades de profissionalização para mulheres do conjunto habitacional “Ana Paula Eleutério”, os cursos oferecidos são de pintura

de pano de prato, tricô, crochê, manicure, numa cidade que tem instalada a multinacional Toyota e o um Parque Tecnológico.

Na educação, a necessidade de evolução feminina também é grande, apesar dos reconhecidos avanços. Segundo dados da Unesco, a proporção de mulheres matriculadas em cursos de nível superior no mundo saltou de 8% para 28% entre 1970 e 2009, enquanto a de homens subiu de 11% para 26%.

No convívio doméstico, seis em cada 10 brasileiros conhecem alguma mulher que foi vítima de violência doméstica, segundo apurou o Mapa da Violência 2012. Lei Maria da Penha nos agressores.

As mulheres precisam ser valorizadas socialmente, culturalmente, politicamente. Nós não somos apenas corpo e audiência de televisão. Somos trabalhadoras, mães, esposas, irmãs, amigas, estudantes, e precisamos fazer valer a nossa força de transformação nesta sociedade para a qual tanto contribuímos.

A hora e a vez das mulheres é agora.

Iara Bernardi é deputada federal do PT



SAÚDE

Transtornos mentais já são a terceira principal causa de afastamento

Levantamento realizado pela Previdência Social entre 2008 e 2010 mostra que os transtornos mentais, como depressão, ansiedade e estresse vêm crescendo entre a população adulta brasileira e já respondem pela terceira principal causa de afastamento de trabalho no país. Essas doenças perdem apenas para as do sistema osteomuscular, como os casos de Lesão por Esforço Repetitivo (LER), e as lesões traumáticas.

Apesar do alto número de incidência dos transtornos mentais, o psicanalista sorocabano Ricardo Dih Ribeiro não descarta a possibilidade de o número de pessoas ser ainda maior, já que muitas das vítimas dessa “doença invisível”, por várias razões, acabam não buscando tratamento. “Acredito que pos-

sa ocorrer a subnotificação, mais pelo fato das dificuldades de acesso aos serviços, aos bons profissionais e a inexistência de uma equipe multidisciplinar, do que simplesmente a vergonha da mulher em buscar a ajuda profissional”, afirma.

Por fim, o especialista alerta para a necessidade de atenção para qualquer mudança comportamental e a procura de profissionais para tratamento adequado. “Toda situação conflitante em que não conseguimos equacionar ao longo das nossas vidas, e isso inclui as pressões e estresses do mundo do trabalho, vão somando-se internamente. O não enfrentamento desse problema gera sintomas múltiplos desde ocorrências de transtornos psíquicos como transtornos físicos”, conclui Ribeiro.



8 de março

a origem do

Várias versões se confundem e contam histórias de coragem, luta e morte de mulheres que não tiveram medo de enfrentar a opressão e o preconceito

O exato evento histórico que inspirou a celebração do 8 de março como Dia Internacional da Mulher é motivo de controvérsias. Existem várias versões sobre o tema. Mas todas concordam que a data foi criada para homenagear as lutas das mulheres, entre a segunda metade do século 19 e o início do século 20, por respeito, qualidade de vida e igualdade de direitos.

A versão mais conhecida é a da marcha das tecelãs de Nova York, em 8 de março de 1857, na qual as trabalhadoras reivindicavam melhores condições de trabalho, redução da carga horária e salários iguais aos dos homens. Na época, a jornada de trabalho era de até 16 horas diárias e os salários das mulheres eram 60% inferiores aos dos homens.

Uma das versões sobre o desfecho dessa marcha relata que as tecelãs foram trancadas em uma fábrica pelos patrões, que atearam fogo no local, matando cerca de 130 operárias.

Há pesquisadores, no entanto, que sustentam outra versão. A marcha de 1857 realmente teria ocorrido, mas não necessariamente no dia 8 de março e o desfecho não foi um incêndio, mas sim uma violenta repressão

policial ao movimento. O incêndio relacionado nessa conhecida versão, segundo alguns historiadores, teria ocorrido anos depois, em 1911.

Outro incêndio

O incêndio de 1911, com base em registros oficiais e jornalísticos, aconteceu dia 25 de março também em uma fábrica têxtil dos Estados Unidos. Devido à precariedade das instalações, o acidente matou cerca de 150 operárias entre 13 e 25 anos de idade. O fato de as portas da produção permanecerem trancadas para evitar a saída das mulheres do local de trabalho é apontado como motivo para o alto número de mortes.

Os dois episódios, de 1857 e 1911, teriam se mesclado em relatos populares e deram origem à versão única difundida atualmente.

Porém, um ano antes do incêndio de 1911, a socialista alemã Clara Zetkin já havia proposto a data de 8 de março como Dia Internacional da Mulher. A proposta, aprovada em 1910 durante a II Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, em Copenhague, Dinamarca, tinha como referência a morte de mulheres durante o protesto de Nova York em

1857, o que coloca em dúvida a tese da junção de dois eventos distintos.

O fato é que os dois episódios violentos, que vitimaram mulheres trabalhadoras, realmente aconteceram.

Mais exemplos de lutas

Outro marco para a data foi também protesto de operárias dos EUA, em março de 1908, que teve a participação — muito expressiva para a época — de 15 mil mulheres que pediam melhores condições de vida e de trabalho e que novamente foi duramente reprimido pela polícia.

Uma greve de trabalhadoras em Petrogrado (atual São Petersburgo), na Rússia, em 23 de fevereiro de 1917 (8 de março no calendário ocidental) também contribuiu para consolidar a data.

Nas décadas posteriores, a data foi pouco lembrada e muitas vezes ganhou conotação meramente comercial. Mas os movimentos feministas dos anos 60 contribuíram para dar novo destaque ao significado do 8 de março, que é de reflexão e homenagem às lutas das mulheres por seus direitos. A ONU/UNESCO oficializou a data — como símbolo de luta — em 1977.

